

# A viagem da Vermelhita

*Carlos Alberto Silva*

*Vermelhita era uma gotinha de sangue que fazia parte do corpo do André. Acabara de nascer e aquele era o seu primeiro dia de trabalho. As outras gotas de sangue, suas irmãs, explicaram-lhe que a sua tarefa consistia em distribuir oxigénio pelas células do corpo do rapaz. Na volta, recolheria dióxido de carbono, entre outras coisas de que as células precisam de se livrar. As irmãs entregaram-lhe então uma trouxa e mandaram-na ir atrás delas.*

1.

Vermelhita foi até ao dedo grande do pé direito do André, sempre em passo de corrida. Logo que se livrou da sua carga, outra mais pesada lhe foi posta em cima. A gotinha de sangue começou a sentir falta de ar e parecia-lhe até que ela e as irmãs estavam a azular.

2.

Vindas da rede de ruas e vielas que constituem o sistema venoso, milhões de gotinhas como ela chegaram à avenida da Veia Cava.

O caminho era difícil, sempre a subir. O que lhes valia era uma força poderosa que as puxava para cima. Explicaram a Vermelhita que, no peito do André, havia uma espécie de bomba de sucção. Sim, ela conseguia ouvir o que parecia o barulho de uma máquina trepidante, a fazer «tuntum, tuntum, tuntum».

– É o Coração – riram as irmãs. – É ele que nos faz viajar sem parar.

3.

De repente, a gotinha de sangue e as irmãs foram sugadas para dentro de uma câmara estreita.

– Este lugar chama-se Aurículo Direito. É o primeiro átrio do coração.

– disseram as irmãs.

4.

Vermelhita quis gritar, tão apertada se sentia, mas abriu-se então uma porta («uma válvula», explicaram as irmãs) e ela foi empurrada para nova câmara. Era um pouco maior, mas, ainda assim, bastante acanhada.

– Aqui, é o Ventrículo Direito. – gritaram-lhe as irmãs. – Prepara-te, que a viagem vai continuar.

5.

Mal tinham dito isto, nova porta se abriu e elas foram empurradas para fora do ventrículo através de uma rua espaçosa, que se ramificava em imensas vias secundárias.

– Chegámos à Artéria Pulmonar! – esclareceram as irmãs.

6.

Num instante, entraram nos estreitíssimos capilares dos Pulmões. Aí, Vermelhita pôde aliviar-se da carga incómoda e inspirar novo oxigénio, que teria de entregar às células do corpo do André. Agora, sim, fazia de novo jus ao seu nome, tão vermelhinha estava.

7.

A gotinha nem teve tempo de dizer nada. Assim que a troca se realizou, sentiu-se de novo puxada, ao longo da Veia Pulmonar, por aquela bomba trepidante que fazia «tuntum, tuntum, tuntum». Até sentia a cabeça à roda.

8.

Chegaram a um novo átrio, tão estreito como o primeiro.

– Entrámos no Aurículo Esquerdo! – disseram as irmãs em coro. – A viagem recomeça.

9.

E de novo passaram para outra câmara, um pouco mais espaçosa.

– Este deve ser o Ventrículo Esquerdo, certo? – gritou desta vez Vermelhita.

– Certo! – confirmaram as irmãs.

10.

Abriu-se mais uma porta e a viagem reiniciou, por uma larga avenida chamada Artéria Aorta, que ligava a uma imensa rede de artérias mais pequenas, pelo corpo do André afora.

11.

Vermelhita chegou ao local onde tudo tinha começado.

Sabia agora que teria de repetir vezes sem conta aquela viagem e executar as suas tarefas sem fraquejar. No entanto, como já conhecia o caminho, sentia-se menos ansiosa e muito orgulhosa, até, pela importante missão que lhe tinham confiado.